

O equilíbrio entre ACM e o presidente

É sempre muito difícil para o governo agradar a toda hora a um aliado como Antônio Carlos Magalhães. O peso político, a personalidade fortíssima, o senso de domínio sobre a cena nacional e a capacidade de reagir com demolidora contundência fazem de ACM um aliado tão temido como se fosse um adversário dentro de casa.

O presidente Fernando Henrique Cardoso não o ouve com a freqüência sugerida pela intimidade da convivência com o PFL. Ouve-o nas horas certas, mas não a toda hora. O interlocutor de toda hora do presidente é Luís Eduardo Magalhães, presidente da Câmara dos Deputados, filho de ACM.

Mas Fernando Henrique deve a ACM a aliança feita com o PFL, considerada por ele mesmo

indispensável, desde a campanha eleitoral, para garantir as condições de realização de um bom governo. Por isso, sem que se perceba à luz do dia, o presidente faz de sua relação com ACM um malabarismo permanente. Quer tê-lo por perto, mas não tão perto que signifique perda de personalidade e, sobretudo, de autoridade. Não o dispensa como aliado, mas evita que de longe se possa supor que o aliado se transformou em tutor.

O problema nessa relação tão delicada é que ao menor deslize a voltagem sobe. Como subiu agora, ACM ficou indignado com a nomeação de um adversário para o Ibama na Bahia. Mandou por fax uma pedrada para o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, que, coitado, sequer sabia da nomeação feita em seu segundo escalão, por escolha do Palácio do Planalto. Sentindo-se atingido como homem e como autoridade, Krause devolveu no mesmo tom. O tempo fechou.

ACM, em resumo, acusa o governo de estar nomeando corruptos para alguns postos do segundo escalão. Posto diante dessa acusação, quando estava em Lisboa, o presidente Fernando Henrique procurou reagir com aparente naturalidade, dizendo que não conhecia as denúncias de ACM, mas gostaria que eles as apresentasse com os devidos nomes. Foi um erro estratégico do

presidente. Nunca se deve pedir a ACM a apresentação de provas de corrupção. A obsessão dele é colecionar provas.

Certa vez, quando Paulo Maluf tentou ser o primeiro presidente civil depois do regime militar de 64, ACM o bombardeava de todos os lados, acusando-o exatamente de corrupção. Maluf entrou na Justiça contra ele. ACM adorou: encheu um caminhão de documentos e fez um carnaval em cima da honra de Maluf.

Hoje, os dois se respeitam à distância. Maluf insistiu muito na reaproximação, no ano passado. Fez tudo para ter Luís Eduardo Magalhães como vice na sua chapa para presidente da República. Luís Eduardo já tem idade e autoridade para decidir sozinho. Mas sabia que o pai era radicalmente contra essa chapa.

Quando o governo Fernando Collor estava contaminado de corrupção, foi ACM, um aliado seu até a agonia do *impeachment*, quem sugeriu ao presidente que se livrasse da podridão que o cercava. A única maneira de salvar o governo, disse-lhe então ACM, seria denunciar PC Farias. Collor poupar o amigo e foi deposto.

No governo Itamar Franco, ACM novamente fez acusações de corrupção. O presidente pediu que apresentasse as provas. ACM solicitou audiência. Espertamente, Itamar o desconcertou, ao

chamar a imprensa para o encontro. Itamar esvaziou a denúncia, mas arranjou um inimigo para o resto da vida.

São os amigos de Itamar que procuram se pendurar hoje no governo Fernando Henrique os principais alvos de ACM, no momento. Como o presidente pediu os nomes, ACM quer apresentá-los. Vai lá dizer um por um quem é ladrão, expressão que prefere à de corrupto. Não antecipa nomes, segundo ele para não ser indelicado com o presidente, mas se alguém quiser uma pista basta acompanhar as nomeações ou indicações feitas até agora para a BR-Distribuidora, Furnas, Nucleo e Conab.

ACM está com o espírito armado. Não gosta de ser desafiado, ou desacatado em seu território. Soube que o ministro Sérgio Motta o procurou em missão de paz. Com salgada ironia, diz que "o buraco é mais em cima": só aceita conversar com o chefe do ministro, o presidente. "Com o ministro Sérgio Motta eu trato apenas de rádio AM e FM", diz ACM, rindo da própria perversidade.

Mas até onde quer ir ACM? Ele mesmo responde: "Quero colaborar. Gosto de Fernando Henrique, quero bem a ele. Mas não aceito que ele seja bonzinho com todo mundo."

COLUNA DO CASTELLO ■ MARCELO PONTES